



CLÁSSICOS DA REFORMA

MARTINHO LUTERO

— • —
UMA COLETÂNEA DE ESCRITOS


VIDA NOVA

SUMÁRIO

- [PREFÁCIO À SÉRIE CLÁSSICOS DA REFORMA](#)
- [INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE MARTINHO LUTERO](#)
- [97 TESES SOBRE A TEOLOGIA ESCOLÁSTICA \(1517\)](#)

PREFÁCIO À SÉRIE CLÁSSICOS DA REFORMA

Adfontes. O mesmo lema que motivou os reformadores e humanistas a retornar às fontes originais da teologia e da tradição clássica é o que motivou a tradução desta série de escritos seletos da Reforma. Para contribuir para o amadurecimento da reflexão teológica e fazer avançar a causa do evangelho em nosso tempo, é imprescindível que os protestantes voltem “às fontes” do pensamento reformador. Foi com esse objetivo em mente que idealizamos a *série Clássicos da Reforma*.

A coleção vem disponibilizar aos interessados na teologia protestante uma seleção representativa de textos dos principais expoentes da Reforma do século 16. Lutero, Melâncton, Calvino e Zuínglio são apenas alguns dos pensadores cujos escritos, na maioria inéditos em português, contemplaremos. Publicados em latim, alemão, francês ou inglês, os escritos dos pioneiros da Reforma ficam muitas vezes acessíveis apenas a um pequeno grupo de especialistas.

Mais do que comemorar os quinhentos anos do movimento que transformou profundamente a igreja cristã, queremos com estas publicações proporcionar aos leitores de língua portuguesa a oportunidade de consultar em primeira mão textos que estão esquecidos por grande parte dos cristãos protestantes de nossas terras. Mais do que um olhar nostálgico ao passado, essas traduções representam um resgate dos princípios que até hoje movem os herdeiros da Reforma em todo o mundo.

Versando sobre hermenêutica bíblica, teologia sistemática, culto público, devoção pessoal, política, educação, entre outros assuntos, cada volume buscará incluir temas centrais que marcaram o labor teológico de cada reformador retratado na coleção.

Esperamos contribuir para que a valiosa herança protestante enriqueça a cada leitor. Esses volumes deverão não só satisfazer a curiosidade intelectual dos leitores, mas também proporcionar deleite espiritual aos que de coração se dedicarem às verdades evangélicas neles expressas com tanta sabedoria e autoridade.

Boa leitura!

Os Editores

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE MARTINHO LUTERO

JONAS MADUREIRA

Às vezes, a relação entre a igreja medieval e os reformadores é descrita como um conto de fadas. Permita-me, explicar melhor essa afirmação. Muitos são os contos de fadas que começam com uma princesa raptada por um terrível vilão. No caso, o papel da princesa caberia à Bíblia e o do vilão, à igreja medieval. Como reza a cartilha dos contos de fadas, depois de passar um longo período aprisionada no castelo do vilão, a princesa é resgatada por um príncipe, que, montado em seu cavalo e empunhando uma espada, finalmente a liberta das garras do vilão. Ora, quem foi o príncipe que resgatou a Bíblia das garras da igreja medieval? Segundo essa abordagem um tanto ingênua, o príncipe libertador remeteria à figura dos reformadores, em especial, a de um monge agostiniano, chamado Martinho Lutero (1483-1546).

Apesar da ingenuidade dessa abordagem, não seria, de forma alguma, exagero e muito menos sinal de ingenuidade reconhecer que Lutero foi o herói da Reforma na Alemanha.¹ Entretanto, não se pode negar que, por outro lado, seria uma inverdade afirmar que o heroísmo do reformador se revelou pelo resgate da Bíblia na crise-tandade. Qualquer estudante de história da igreja e da teologia medieval sabe que tanto a igreja medieval como os teólogos medievais sempre tiveram as Escrituras em alta conta. Ou seja, a igreja medieval possuía, conhecia e amava a Bíblia. O mesmo pode ser dito dos

'Nas palavras do teólogo suíço e católico Hans Küng, “Martinho Lutero foi o homem certo na ocasião certa [...] Sem Lutero não teria sido possível a Reforma na Alemanha!”. Hans Küng, *Os grandes pensadores do cristianismo* (Lisboa: Editorial Presença, 1999), p. 125-6.

teólogos medievais.² No entanto, como diria Marvin W. Anderson, a batalha de Lutero, bem como a de outros reformadores, não foi especificamente pelo resgate da Bíblia, mas pelo resgate do evangelho. Nas palavras de Anderson, “a igreja medieval amava as Escrituras. A Bíblia era familiar à igreja medieval. Os reformadores não descobriram a Bíblia; antes, eles alegaram descobrir o

evangelho”.³

No entanto, alguém poderia objetar: “Mas o que dizer das traduções da Bíblia para o vernáculo, isto é, para a língua do povo? Isso não seria uma espécie de resgate da Bíblia, pelo menos, para as pessoas em geral?”. Sim, é verdade, e, por isso, concordo que Lutero — e não somente ele, mas também outros reformadores como William Tyndale, por exemplo — realmente resgatou a Bíblia. Contudo, meu objetivo não é discordar da ideia de que os reformadores colocaram a Bíblia nas mãos do cristão comum, mas, sim, da ideia de que antes da Reforma os teólogos desprezavam as Escrituras, como se eles fossem completamente ignorantes com relação ao estudo rigoroso da Bíblia. Pelo contrário, os teólogos medievais conheciam muito bem as Escrituras. Em contrapartida, o que Lutero enfatizou é que, apesar da perícia bíblica, eles perderam de vista o evangelho da graça de Deus.⁴

^Tomás de Aquino, talvez o mais conhecido representante da teologia e filosofia medieval, jamais teria sido capaz de construir sua filosofia sem ter recorrido às Escrituras. Veja Wilhelmus Valkenberg, *Words of the living God: place and function of Holy Scripture in the theology of St. Thomas Aquinas* (Leuven: Peeters, 2000); Thomas G. Weinandy; Daniel A. Keating; John Yocum, orgs., *Aquinas on Scripture: an introduction to his biblical commentaries* (New York: T&T Clark International, 2005).

³Marvin W. Anderson, *The battle for the gospel: the Bible and the Reformation 1441-1589* (Grand Rapids: Baker, 1978), p. 11 e 13. Devo essa indicação bibliográfica a Mark Dever que, em uma conversa sobre a Reforma e a igreja medieval, indicou-me a leitura deste precioso opúsculo.

⁴Guardadas as devidas proporções, é como o caso de boa parte dos teólogos liberais de nossos dias, que conhecem a Bíblia de modo extremamente meticuloso, porém, ao mesmo tempo, desconsideram as verdades do evangelho ali presentes. Ou seja, são peritos em Bíblia, mas ignoram o evangelho. Cf. Eta Linnemann, *Crítica histórica da Bíblia* (São Paulo: Cultura Cristã, 2009) e *A crítica bíblica em julgamento* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011).

Portanto, há uma diferença entre conhecer a Bíblia e conhecer o evangelho. Por esta razão, pode-se dizer que os teólogos medievais não perderam de vista a Bíblia, mas o evangelho, o “verdadeiro tesouro da igreja”.⁵ Na verdade, é por

causa dessa diferença entre conhecer a Bíblia e conhecer o evangelho que podemos ainda hoje dizer que a igreja precisa de reformadores. Afinal, o que é um “reformador”? Um reformador da igreja não é alguém que descobre a Bíblia, mas alguém que, curiosamente, descobre o evangelho esquecido em igrejas repletas de Bíblias sobre seus bancos e em suas livrarias, por exemplo.

O reformador holandês Gisbertus Voetius (1589-1676) certa vez fez uma declaração que ecoa até os nossos dias: *ecclesia reformata et semper reformanda est* [a igreja é reformada e está sempre sendo reformada]. Voetius tem razão. A igreja necessita de constante reforma. Todavia, a necessidade de a igreja estar sempre sendo reformada não deveria sugerir que a igreja precisa mudar sempre. Pelo contrário, é por causa das mudanças da igreja que há a necessidade de constante reforma. Além disso, o esquecimento do evangelho ao qual Lutero se referiu revela o motivo pelo qual a igreja de hoje ainda precisa de reformadores, isto é, de pastores capazes de ensinar com fidelidade o mesmo evangelho que foi ensinado pelos apóstolos e que, com o passar do tempo, pode ser esquecido, para não dizer adulterado. Dito de outra maneira, o evangelho apostólico, que é o verdadeiro tesouro da igreja, surpreendentemente pode ser esquecido por ela própria de tempos em tempos.

Assim, uma legítima reforma da igreja não acontecerá a menos que o evangelho da graça seja novamente lembrado e ensinado por homens fiéis. E nesse sentido que Lutero se tornou um dos grandes heróis da Reforma, senão o mais importante dentre eles. Como reformador, era natural que Lutero quisesse reformar a igreja, mas, para tanto, ele

^sNas palavras de Lutero, “O verdadeiro tesouro da igreja é o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus.”, cf. a tese 62 de “Debate por uma declaração acerca do valor das indulgências” (95 teses).

sabia que precisaria antes libertar o evangelho dos grilhões do esquecimento. Ele não queria criar outro evangelho, mas apenas libertar o mesmo evangelho que fora testemunhado pelos apóstolos e que, no entanto, havia sido esquecido em seus dias. Da perspectiva dos reformadores, é como se o evangelho fosse como um leão que, por causa do esquecimento, estava preso em uma jaula. Dessa perspectiva, a tarefa do reformador não seria caçar outro leão, mas abrir a jaula. Eles sabiam que, uma vez aberta a jaula, o leão faria todo o resto. E não foi isso o que de fato aconteceu? “Simplesmente ensinei, preguei e escrevi a Palavra de Deus [...] Eu não fiz nada; a Palavra fez tudo”, disse Lutero.¹ A propósito, esta

introdução às obras selecionadas de Lutero não é, em rigor, uma introdução sobre sua vida e obra, mas é justamente sobre como, em sua época, este príncipe da Reforma abriu a jaula que aprisionava o evangelho.

Talvez a imagem que retrata de forma mais emblemática o heroísmo de Lutero seja aquela que evoca o reformador afixando com energia suas 95 teses à porta da Igreja do Castelo de Wittenberg no dia 31 de outubro de 1517. Esse ato emblemático tem sido celebrado ao longo dos séculos como a hora em que o protestantismo nasceu.'

Ora, em que consistia esse ato? Em princípio, tratava-se de um protesto contra o abuso na venda de indulgências. De acordo com Walter O. Steyer, a venda de indulgências existia desde o século 11. No entanto, muito antes de Lutero já se tinha notado que havia algo errado com essa prática. Por exemplo, em 1386, Geoffrey Chaucer começou a escrever *Os contos de Canterbury*, uma das obras-primas da literatura medieval. Em um dos contos, Chaucer retratou os abusos praticados por um vendedor de indulgências. Observe um trecho desse conto, precisamente no momento em que o tal vendedor se põe a falar:

Em primeiro lugar, declaro de onde venho; depois, apresento, uma por uma, todas as minhas bulas. Antes de qualquer coisa, porém, mostro o selo papal em minha licença, para garantir-me a integridade física e para que nenhum petulante, padre ou noviço, venha perturbar-me no santo trabalho de Cristo. Somente aí começo a desfiar minhas histórias, reforçadas com mais bulas de papas e cardeais, de bispos e patriarcas, e entremeadas de algumas poucas palavras em latim para temperar a minha prédica e estimular ainda mais a devoção. Finalmente, exponho as minhas longas caixas de cristal abarrotadas de trapos e de ossos... São relíquias, percebem logo os fiéis. Entre elas mostro, revestida de latão, uma omoplata de carneiro que pertencera a um santo patriarca hebreu. “Boa gente”, digo, “atentem para as minhas palavras: se alguma vaca, ou bezerro, ou ovelha, ou touro inchar, por ter comido uma cobra ou dela ter levado uma picada, mergulhem este osso na água de uma cisterna e com essa água lavem a língua do animal, e ele ficará curado. E não é só, pois a ovelha que beber dessa mesma água estará livre de erupções, de morrinha e de qualquer outro mal. Prestem atenção também ao que agora vou dizer: se o bom homem, dono dos animais doentes, toda manhã, antes que o galo cante, tomar em jejum um gole dessa água, irá então, segundo o testemunho que legou a nossos pais aquele mesmo santo hebreu, multiplicar os seus bens e o seu rebanho.” [...] Já devo ter ganhado por volta de cem marcos, desde que passei a vender

indulgências.

Postado no púlpito como um padre, tão logo os simplórios se assentam, faço uma pregação parecida com a que acabaram de ouvir, com uma centena de outras patacoadas. Esforçando-me então para esticar bem o pescoço, inclino-me a oeste e a leste sobre os ouvintes, parecendo uma pomba pousada no celeiro. A língua e as mãos não param de agitar-se. Vocês gostariam de ver-me em ação [...] A seguir, ilustro a pregação com muitos exemplos de histórias antigas, de épocas bem remotas, porque a gente simples gosta de histórias antigas, que podem ser repetidas e guardadas na memória. Afinal, o que mais querem? Acham que, enquanto posso pregar e ganhar ouro e prata no meu ministério, vou viver voluntariamente na pobreza? Isso não, meus amigos; está aí uma coisa que nunca me passou pela cabeça! Enquanto eu for capaz de ensinar e de esmolar por este mundo, não tenho pretensão alguma de fazer serviços manuais, tecendo cestas de vime para ganhar a vida. Não tem sentido mendigar para nada. Não, não vou imitar os apóstolos! Quero dinheiro, trigo, queijo e lã, mesmo que os obtenha às custas do mais pobre pajem ou da viúva mais pobre de uma aldeia, com seus filhinhos a morrer de fome.²

Para Lutero, o estopim que o levou a criticar duramente o sistema de indulgências — e, por conseguinte, o próprio sistema papal — foi a autorização do papa Júlio II, em 1506, e do papa Leão X, em 1514, para a venda de indulgências com a finalidade de financiar a construção da Basílica de São Pedro, em Roma, o que foi visto, na Alemanha, como “o cúmulo da exploração curial”, para usar as palavras de Hans Küng.³ Mas antes de analisarmos o significado propriamente dito das 95 teses, faz-se necessário responder a uma importante questão: Afinal, o que são as indulgências? Nas palavras de Steyer,

Segundo o ensino da época, os pecados cometidos pelo cristão, após o seu batismo, devem ser penitenciados como prova de seu arrependimento (*satisfactio operis*). Essas penitências impostas pelo confessor (jejuns, rezas, peregrinações, doações, privações físicas, etc.) ao cristão arrependido podem ser resgatadas ou pagas mediante a compra de indulgências. Segundo o ensino da igreja medieval, a igreja é depositária do “tesouro de méritos”, ou seja, as boas obras praticadas por Jesus, pela Virgem Maria e pelos assim chamados santos e santas, agora podem ser adquiridas por aqueles que as precisam para o pagamento de seus pecados. Daí a venda das indulgências. Como, no entanto, esta *satisfactio operis* (pagamento) é insuficiente ante o tamanho dos pecados praticados, a igreja medieval ensinava que o cristão, ao morrer, deve primeiramente passar pelo

purgatório, para lá purgar, sofrer os pecados que não pagou com seus méritos em vida, para tão somente entrar no céu após tê-los expiados. Como este sofrimento pode ser longo e penoso para a alma, o papa Sixto IV, em 1476, decretou através de uma bula que as indulgências tinham também o poder de remir as almas no purgatório. Assim, mediante o pagamento de somas pecuniárias (missas, por exemplo) de parentes e amigos vivos, pode-se apressar a saída das almas do purgatório.⁴

Em outras palavras, indulgência significa “perdão”. Portanto, a venda de indulgência é a venda de um perdão que a igreja medieval concedia àqueles que o compravam. De acordo com a pesquisa de Marc Lienhard, na época de Lutero “a aquisição de uma indulgência custava 1 florim para o artesão e 25 florins para os reis, príncipes e bispos. Recordemos que o custo da subsistência de uma pessoa importava em 1 florim para uma semana!”⁵ Alberto de Brandemburgo (1490-1545), arcebispo de Mainz (Mogúncia), que administrava a

venda de indulgências, na Alemanha, confiou aos dominicanos o encargo de pregar sobre elas e vendê-las.¹² Dentre os pregadores dominicanos, Johann Tetzel (1465-1519) destacou-se como o mais famoso vendedor de indulgências na Alemanha. Segundo a descrição do francês Daniel-Rops, historiador católico e crítico da Reforma, Tetzel “era um homem de ombros largos e palavra fácil, que defendia a causa com extremo ardor. Homem honrado, de bons costumes, não merecia as calúnias com que os adversários o atacavam, embora os seus conhecimentos teológicos deixassem a desejar. Mas o modo como procedia só serviu para reforçar nos espíritos a ideia de que a indulgência era apenas uma questão de dinheiro”.¹³ Apesar do esforço de Daniel-Rops para recuperar a reputação de Tetzel¹⁴, a imagem que sobressaiu foi aquela veiculada pelo famoso bordão do pregador dominicano:

Wenn das Geld im Kasten klinget,

Assim que a moeda na caixa tilintar,

die Seele aus dem Fegefeuer springt. a alma do purgatório irá saltar.

“Segundo o historiador Christopher Dawson, Alberto de Brandemburgo utilizou a venda de indulgências de uma “maneira desavergonhada”, isto é,

para satisfazer as próprias necessidades financeiras. Cf. Christopher Dawson, *A divisão da cristandade: da Reforma Protestante à Era do Iluminismo* (São Paulo: E Realizações, 2014), p. 117.

¹ Daniel-Rops, *A igreja da Renascença e da Reforma: a Reforma protestante* (São Paulo: Quadrante, 1996), p. 268.

¹⁴ Em seu esforço de recuperar a reputação de Tetzl, Daniel-Rops chega às vias de insinuar que a querela de Lutero com o pregador dominicano era, na verdade, fruto de uma picuinha dos agostinianos, pelo fato de não terem sido escolhidos pelo arcebispo Alberto de Brandemburgo para pregar e vender indulgências. Em suas palavras, “O arcebispo confiou aos dominicanos o encargo de pregar a indulgência, o que não se fez sem provocar entre os agostinianos uma fraternal mas bastante amarga inveja” (Daniel-Rops, *A igreja da Renascença e da Reforma*, p. 268).

Inclusive, Lutero fez uma menção explícita a este bordão na tese 28:

Gezuiji sobald das Geld im Kasten klinget,

E certo que, no momento em que a moeda na caixa tilintar,

können Geioinn und Habgier wachsen, o lucro e a cobiça podem aumentar;

aber die Fürbitte der Kirche steht allein auf dem Willen Gottes. a intercessão da igreja, porém, depende apenas da vontade de Deus.

Como recorda Justo González, o protesto de Lutero contra Tetzl e a venda de indulgências — protesto que, diga-se de passagem, iria mudar de uma vez por todas o cenário do século 16 — tomou forma quando alguns dos seus paroquianos atravessaram a fronteira para comprar as “novas indulgências” — aquelas que foram autorizadas pelo papa para financiar as obras na Basílica de São Pedro.¹¹ Entrementes, para proteger a igreja de Wittenberg da concorrência com os vendedores comissionados por Alberto de Brandemburgo, Frederico, o Sábio, príncipe eleitor da Saxônia, tinha proibido os pregadores dominicanos de venderem indulgências em seu território. Isso obrigou os paroquianos que desejassem os benefícios dessas novas indulgências a cruzar as fronteiras para obtê-las. E foi exatamente isso o que aconteceu. Ainda, quando esses paroquianos retornaram, relataram a Lutero que os

vendedores estavam fazendo reivindicações abusivas, como, por exemplo, a venda de indulgências que eram capazes inclusive de cobrir pecados que viriam a ser ⁶

cometidos no futuro.⁷ Indignado, Lutero pôs-se a compor as famosas 95 teses. Em si mesmas, elas não eram uma forma de protesto, mas sobretudo um ato acadêmico ordinário. Afinal, o que isso significa?

A primeira curiosidade sobre as 95 teses é a de que elas não eram conhecidas como “95 teses”. Ou seja, Lutero não chamou suas teses de “95 teses”. Na verdade, o título das teses era *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* [Debate por uma declaração acerca do valor das indulgências]. É preciso mencionar que uma *disputatio* era uma das atividades universitárias ou acadêmicas mais importantes — e também das mais comuns — na época de Lutero. Seguindo o protocolo das universidades medievais, o reformador alemão compôs as teses em latim e as tornou públicas para que houvesse um debate acadêmico. Sua estratégia, portanto, não era escrever aquelas teses para alcançar o povo. Lembremo-nos de que, para colocar a Bíblia nas mãos do povo, Lutero precisou traduzi-la para o vernáculo. Ora, se a intenção de Lutero fosse sensibilizar o povo, ele certamente teria escolhido outro recurso, uma vez que a *disputatio* era um discurso que alcançava apenas os sacerdotes e teólogos da igreja medieval. Em outras palavras, uma *disputatio* não era um recurso sinestésico

ou um recurso panfletário-emocional, pelo contrário, tratava-se de um convite para o debate acadêmico com intelectuais extremamente bem preparados. Esses intelectuais não eram apenas sacerdotes da igreja mas também professores na Faculdade de Artes.

Mas, o que é uma *disputation* Nas palavras de um profundo estudioso do sistema universitário medieval, Bernardo Bazán, uma *disputatio* era

uma forma regular de ensino, aprendizagem e pesquisa, presidida pelo mestre, caracterizada por um método dialético que consiste em apresentar e examinar argumentos de razão e de autoridade contrapostos no contexto de um problema teórico ou prático fornecido pelos participantes, e cujo mestre tem a tarefa de dispor uma solução doutrinai, mediante um ato de determinação que corresponde à sua função magisterial [...] O debate tinha dois momentos: uma sessão de discussão e outra em que o mestre apresentava a solução. A

primeira era conhecida como *disputatio*, a segunda era chamada de *determinatio*. Na *disputatio*, propõe-se o tema, consideram-se os argumentos para todas as soluções possíveis, busca-se estabelecer de um modo mais rigoroso o quadro dialético do problema por meio de uma discussão que contrasta principalmente *opponens* [objeções] e *respondens* [respostas], mas que poderia ser enriquecida pela intervenção de outros participantes, inclusive do mestre, que se reservava sempre o direito de intervir caso considerasse adequado. Na *determinatio*, o mestre apresentava a sua solução doutrinai e respondia aos argumentos considerados, ao mesmo tempo que os reorganizava eventualmente em uma ordem teórica mais adequada para a sua finalidade.¹

^B. C. Bazán, “Les questions disputées, principalement dans les facultés de théologie”, in: B. C. Bazán; G. Fransen; J. F. Wippel; D. Jacquart, orgs., *Les questions disputées et les questions quodlibétiques dans les facultés de théologie, de droit et de médecine* (Turnhout: Brepols, 1985), p. 40, 59.

O fato de as 95 teses serem uma *disputatio* revela explicitamente que a formação de Lutero estava vinculada ao sistema universitário medieval. Em outras palavras, Lutero possuía uma formação escolás-tica em filosofia e teologia semelhante, por exemplo, à de Tomás de Aquino. Como um teólogo escolástico, Lutero havia ingressado, em 1501, na Faculdade de Artes, em Erfurt. Durante esse período, ele se formou nas disciplinas propedêuticas do *Trivium* (gramática, dialética e retórica) e do *Quadrivium* (geometria, aritmética, música e astronomia). Essa primeira etapa da formação universitária terminava quando o bacharel em artes se tornava mestre em artes. Na época, na condição de bacharel formado (*baccalariusformatus*), Lutero tinha como principal tarefa auxiliar seus mestres Bartolomeu Arnoldi de Usigen e Jôdoco Trutvetter na condução das disputas acadêmicas. Somente em 7 de janeiro de 1505 o reformador se tornou mestre em artes e, a partir de então, passou ele mesmo a conduzir a tarefa das disputas acadêmicas, que, como já dito, eram uma prática tradicional nas universidades medievais. Ou seja, desde os tempos da Faculdade de Artes, Lutero estava envolvido com as disputas acadêmicas.

A etapa seguinte da formação escolástica ou universitária de Lutero era escolher uma das três faculdades superiores da época: direito, medicina ou teologia. Em maio de 1505, em conformidade com o desejo de seu pai, Lutero ingressou na Faculdade de Direito. Todavia, depois do temporal que o surpreendera perto de Stotternheim, aterrorizado por um raio que quase o fulminara, o jovem universitário regressou para Erfurt a fim de cumprir uma promessa que fizera a

Santa Ana que, se ela o livrasse daquela tempestade, ele se tornaria monge. Dito e feito! De volta a Erfurt, ingressou no convento dos agostinianos da cidade. Em 27 de fevereiro de 1507, foi consagrado diácono e em 3 de abril, ordenado sacerdote.

No inverno de 1507, sob a influência de seu provincial Johann von Staupitz, Lutero começou seus estudos em teologia, tornando-se um bacharel sentenciário. Sua nova e grande tarefa era comentar os quatro

livros das *Sentenças*, de Pedro Lombardo (1100-1160).¹⁵ Com o auxílio de um comentário às *Sentenças*, de Gabriel Biel (1420-1495) — o *Collectaneum* — e das *Quaestiones disputatae*, de Guilherme de Ockham (1288-1349) e de Pedro d'Ailly (1350-1420), Lutero fez seu próprio comentário das *Sentenças* e se tornou um *sententiarius*, isto é, um mestre que dá cursos sobre as *Sentenças* de Pedro Lombardo. A propósito, conservou-se até os nossos dias um exemplar das *Sentenças* com anotações de Lutero à margem de suas páginas.^{8 9} Entre 1508 e 1509, Lutero se mudou para Wittenberg com a finalidade de prosseguir seus estudos em teologia e lecionar na Faculdade de Artes. Em março de 1509, depois de concluir o bacharelado em Bíblia na Universidade de Wittenberg, Lutero retornou para Erfurt a fim de reassumir o cargo de *sententiarius*.

Finalmente, no verão de 1511, Lutero voltou novamente para Wittenberg, dessa vez, de forma definitiva. Depois da exortação e ordem de seu provincial, ele se preparou para o doutorado em teologia. Em outubro de 1512, obteve o grau de *Doctor Sacrae Scripturae* (doutor nas Sagradas Escrituras) e passou a ensinar na Faculdade de Teologia.

Em que consistia a tarefa do doutor em teologia? Em três tarefas essenciais: *lectio* (comentário das Escrituras ou das *Sentenças*), *disputatio* (debates acerca de determinados temas teológicos por meio de “objeções” e “respostas”) e *epredicatio* (pregação pastoral do ensino teológico). Portanto, comentar a Bíblia, debater temas teológicos e pregar eram as tarefas elementares de um doutor em teologia nos dias de Lutero. No entanto, vale a pena enfatizar que, no contexto medieval, o comentário das Escrituras e as disputas teológicas devem preceder a tarefa da pregação. Nas palavras de Pedro, o Cantor, teólogo francês do início do século 12, “E depois da *lectio* da Escritura e depois do exame dos pontos duvidosos, graças à *disputatio*, e não antes, que se deve pregar”.¹⁰

Assim, ao que tudo indica, quando Lutero escreveu as 95 teses, não estava fazendo nada mais do que cumprir as tarefas ordinárias de um doutor em teologia. Observe: de 1513 a 1515, ele estava comentando o livro de Salmos; de 1515 a 1516, a carta aos Romanos; de 1516 a 1517, a carta aos Gálatas; de 1517 a 1518, a carta aos Hebreus. Todos esses comentários representam a tarefa da *lectio*. A *Disputatio contra scholas-ticam theologiam* [Debate contra a teologia escolástica] (4/9/1517), a *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* [Debate por uma declaração acerca do valor das indulgências] (31/10/1517) e a *Disputatio Heidelbergae habita* [Debate de Heidelberg] (1/5/1518) representam a tarefa da *disputatio*, a segunda tarefa de um doutor em teologia. Por fim, o *Sermão sobre as indulgências e a graça* (1518), o *Sermão sobre o poder da excomunhão* (1518), o *Sermão sobre as duas espécies de justiça* (1518 ou 1519) e os *Sermões sobre os sacramentos* (1519) são apenas alguns exemplos que servem para mostrar que Lutero cumpriu também, como um doutor em teologia, a tarefa da *predicatio*.¹¹

Toda essa digressão se deu com o objetivo de fundamentar o argumento de que a divulgação das 95 teses, em si, não foi um ato extraordinário de Lutero. Ou seja, as 95 teses não eram a orquestração de um monge progressista que queria dar início a um tipo de “revolução utópica” na igreja, como alguns pensadores católicos e politicamente conservadores parecem acreditar. Pelo contrário, Lutero estava apenas cumprindo seu dever como professor de teologia.^{12 13 14} (Portanto, a Reforma Protestante não se assemelha em nada às conspirações das revoluções socialistas que ocorreram no início

do século 20, como defendem alguns.) De início, Lutero não preten-

*

dia revolucionar a igreja e muito menos romper com ela. E verdade que as 95 teses se espalharam com rapidez surpreendente, o que levou Lutero a escrever um comentário das 95 teses, em 1518, que ele intitulou de *Resolutiones disputationum de indulgentiarum virtute* [Resoluções sobre o debate acerca do valor das indulgências]. Como foi escrito em latim, o comentário tinha o objetivo de alcançar os líderes e intelectuais da igreja. Além desse comentário, o reformador alemão também elaborou um *Sermão sobre as indulgências e a graça* (1518), escrito em alemão, com a finalidade de explicar ao povo a sua crítica. Mas o profundo mal-estar que se fazia sentir por toda a Alemanha devido à questão da venda de indulgências culminou em uma indignação pública sem

precedentes. Para conter os ânimos, a reação dos bispos da igreja foi instaurar imediatamente um processo por motivo de heresia contra Lutero. O processo foi instaurado com base na denúncia redigida por Alberto de Brandemburgo e pela Ordem dos Dominicanos.

No outono de 1518, Lutero foi convocado para uma “dieta” em Augsburg, ou seja, uma assembléia em que ele foi meticulosamente interrogado durante três dias pelo cardeal delegado do Papa. Usei a palavra “meticulosamente” porque o cardeal delegado escolhido pelo Papa era ninguém mais e ninguém menos do que o Cardeal Caetano, o maior tomista da época e que, na ocasião, tinha concluído, havia pouco tempo, o primeiro comentário completo da *Suma de teologia*, de Tomás de Aquino. Como o interrogatório não levou a um acordo, Caetano colocou o obstinado monge agostiniano diante da seguinte alternativa: retratação, prisão ou fogueira. Sem saída, Lutero resolveu fugir de Augsburg. Nas palavras de Küng,

Na pessoa de Lutero, o reformador, e de Caetano, o tomista e delegado papal, confrontavam-se duas perspectivas completamente diferentes, melhor, dois “mundos”, duas formas divergentes de pensamento, duas linguagens, resumindo, dois *paradigmas diversos*. O resultado deste interrogatório corresponde a esta divergência: um conflito aberto, um debate insolúvel, uma impossibilidade de chegar a um acordo. As autoridades eclesiais, que não pretendiam quaisquer reformas, só foram capazes de opor uma coisa ao apelo de Lutero: a exigência de capitulação e a submissão ao magistério papal e episcopal. Em breve, não era apenas Lutero, mas a nação inteira, que se encontrava diante de uma alternativa inaudita: *abjuração e “regresso” ao antigo* (ao paradigma medieval) ou *conversão e “guinada” no sentido do novo* (do paradigma reformador-evangélico). Gerou-se uma situação de tensão sem paralelo, que depressa dividiu a igreja inteira em dois grupos: os partidários de Lutero e os seus inimigos. “Reforma”: para uns, uma grande esperança de renovação da igreja; para outros, o grande abandono do Papa e da igreja.²¹

Em 15 de junho de 1520, um ano depois do Debate de Leipzig, o processo por motivo de heresia chegou a um desfecho. Lutero foi [15](#)

confrontado com a bula papal *Exsurge Domine*, de Leão X. Nesse documento, não apenas foram indexadas como heréticas 41 teses de Lutero — diga-se de passagem, escolhidas de modo arbitrário e completamente distorcidas —, como também o monge foi posto sob ameaça de excomunhão e de destruição de toda

sua obra, caso ele não se apressasse a retratar-se no prazo de sessenta dias.²⁴ A resposta de Lutero veio em 10 de dezembro de 1520, ocasião em que circulou a notícia de que suas obras tinham sido queimadas em Louvain e Colônia: o reformador alemão se posicionou às portas da cidade de Wittenberg e queimou publicamente a bula *Exsurge Domine*, bem como as Decretais (livros de direito canônico papal). Segundo Küng, “este foi um sinal evidente de que Lutero havia deixado de reconhecer a jurisdição romana e o sistema jurídico que se apoiava nela, o qual tinha condenado a doutrina evangélica que ele defendia”.¹⁵ Em 3 de janeiro de 1521, o Papa promulgou a bula *Decet romanum pontificem* [Conforme o pontífice romano], que excomungava Lutero e seus seguidores.

O ano de 1520 marcou a ruptura com a igreja medieval, período em que Lutero elaborou o que os luterólogos costumam dizer que são os quatro grandes escritos programáticos da Reforma.²⁶ O primeiro foi o sermão *Von den guten Werken* [Das boas obras], entregue no início de 1520. Escrito em alemão, o sermão tinha a finalidade de esclarecer a relação que o evangelho estabelece entre a fé e as obras. Nele, o reformador argumentou a favor da primazia da fé em relação às obras: “a fé precisa ser mestre de obras e capitão em todas as obras, ou então elas nada serão”. Além disso, seu argumento é o de que as obras jamais deveriam ser um meio para o cristão alcançar a paz com Deus (Rm 5.1). Na verdade, pela fé, o cristão já está em paz com Deus. Nesse caso, as obras não são um meio para alcançar a paz,

^**Marc Lienhard, *Martim Lutero*, p. 68.**

²⁵**Hans Küng, *Os grandes pensadores do cristianismo*, p. 133.** ²⁶**Cf. Marc Lienhard, *Martim Lutero*, p. 73-94.**

mas um meio de o cristão expressar a gratidão pela paz alcançada por meio da obra de Cristo Jesus.

A segunda obra apareceu em junho de 1520 e chama-se *An den christlichen Adel deutscher Nation von der christlichen Standes Besserung* [À nobreza cristã da nação alemã sobre a reforma do Estado cristão]. Nela, Lutero dirige a sua crítica mais contundente ao sistema papal. Essa crítica se pautava em três pressupostos teológicos: (1) a prioridade da fé; (2) o sacerdócio universal dos crentes; e (3) a autoridade das Escrituras.

A terceira obra programática é *De captivitate Babylonica ecclesiae praeludium*

[Prelúdio sobre o cativo babilônico da igreja] e foi escrita no final do verão de 1520. Escrita em latim, a obra era mais direcionada aos bispos e teólogos da igreja medieval. E talvez a única obra estritamente teológico-sistemática que Lutero escreveu sobre os sacramentos. De acordo com o reformador, os sacramentos são uma promessa e um sinal de Cristo e se reduzem apenas a dois: o batismo e a ceia do Senhor. Finalmente, a quarta obra programática é *Von der Freiheit eines Christenmenschen* [Da liberdade do cristão], escrita no outono de 1520. Ela retoma o tema da primeira obra, porém apresenta um resumo da compreensão luterana da doutrina da justificação. Com base em ICoríntios 9.19, que diz “sendo livre de todos, tornei-me escravo de todos”, Lutero argumentou que, por um lado, o cristão é senhor de todas as coisas, não estando sujeito a ninguém (no que diz respeito à fé e ao homem interior); por outro lado, um cristão é servo de todas as coisas e está sujeito a todos (no que diz respeito às obras e ao homem exterior). Em outras palavras, a fé tem a primazia porque ela é o princípio que faz do cristão um ser livre para servir aos outros. Portanto, o cristão não serve o outro para ser livre, mas é livre para servir o outro.

E foi assim, realizando o trabalho ordinário de um professor de teologia de sua época, que Lutero abriu a jaula que trancafiava o evangelho, o verdadeiro tesouro da igreja. Em 1521, o grande pintor

alemão Albrecht Dürer (1471-1528), ao ouvir um relato sobre o desaparecimento de Lutero, disse: “O Deus, se Lutero estiver morto, quem, de agora em diante, exporá o santo evangelho tão claramente para nós? Ah! Deus! O que ele não poderia ter escrito para nós nos próximos dez ou vinte anos?”.²¹ Mas a notícia da morte de Lutero, em 1521, não passou de boato. Ele ainda estava vivo e trabalhou por mais 25 anos, comentando e traduzindo a Bíblia para o alemão, participando de debates, escrevendo tratados teológicos e catecismos, pregando e cuidando do verdadeiro tesouro da igreja, cumprindo, assim, o que se esperava — e ainda se espera! — de um autêntico professor de teologia.

²⁷**Albrecht Dürer, *Memoirs of journeys to Venice and the Low Countries* (Middlesex: The Echo Library, 2008), p. 55.**

UM

[1](#)

Citado em Timothy George, *Teologia dos reformadores* (São Paulo: Vida

Nova, 1994), p. 55.

"Há uma discussão meticulosa entre os luterólogos protestantes e católicos sobre a realidade desse ato. Entre 1961 e 1968, dois historiadores católicos alemães, Erwin Iserloh e Klemens Honselmann, questionaram a realidade da afixação das 95 teses na porta da igreja. Na época, em reação ao questionamento dos historiadores católicos, mais de trezentos estudos abordaram o assunto, segundo a contagem de Marc Lienhard. Os historiadores alegavam que a afixação das teses estava atestada apenas por uma fonte bem posterior aos acontecimentos relatados. Trata-se da breve biografia de Lutero que Filipe Melâncton publicou em 1546, três meses depois da morte do reformador. Apesar da dúvida que paira sobre a realidade do ato da afixação das teses, o fato é que no dia 31 de outubro (ou 1 de novembro) de 1517 as teses foram divulgadas ou, pelo menos, foram enviadas por Lutero a certos representantes do episcopado. Cf. Marc Lienhard, *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem* (São Leopoldo: Sinodal, 1998), p. 341-7. A propósito, a maior parte das informações biográficas desta introdução vem deste excelente livro do prof. Lienhard.

2

Geoffrey Chaucer, *Os contos de Canterbury* (São Paulo: Editora 34, 2014), p. 651-5.

3

Hans Küng, *Os grandes pensadores do cristianismo*, p. 125.

4

Walter O. Steyer, "Da igreja cristã primitiva até a Reforma", in: Valter Kuchenbecker, org., *O homem e o sagrado: a religiosidade através dos tempos* (Canoas: ULBRA, 2004), p. 123-4.

5

ⁿMarc Lienhard, *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*, p. 61.

6

Cf. Justo L. Gonzalez, *Uma história do pensamento cristão: da Reforma protestante ao século 20* (São Paulo: Cultura Cristã, 2004), p. 35.

7

Observe, a seguir, um dos discursos de Tetzl: “Que Nosso Senhor Jesus Cristo se apiede de ti, e te absolva pelos méritos de Sua Santíssima Paixão. E eu, por Sua autoridade, e a de Seus benditos Apóstolos Pedro e Paulo, e do santíssimo Papa, a mim concedida e transmitida nestas partes, absolvo-te, primeiro de todas as censuras eclesiásticas, seja qual for o modo que incorreste nelas, e em seguida de todos os teus pecados, transgressões e excessos, por mais enormes que sejam, e até dos que são reservados ao julgamento da Santa Sé; e até onde se estenderem as chaves da Santa Igreja, redimo-te de todo o castigo que mereças no purgatório em nome delas, e te reintegro nos santos sacramentos da Igreja [...] e naquela inocência e pureza que possuías no batismo; de modo que quando morreres os portões do castigo estarão fechados, e os portões do paraíso de delícias estarão abertos; e se não morreres agora, esta graça continuará em plena força quando estiveres a ponto de morrer. Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. Citado em Will Durant, *A Reforma: uma história da civilização europeia de Wyclif a Calvino* (Rio de Janeiro: Record, 1957), p. 284.

8

Em certo sentido, podemos dizer que os quatro livros das *Sentenças* de Pedro Lombardo eram o que hoje chamamos de teologia sistemática. Nas palavras do medievalista Alain de Libera, “O verdadeiro fundador da teologia sistemática foi Pedro Lombardo, bispo de Paris, que redigiu suas *Sententiae* nos anos 1115-1157, após participar do Concílio de Reims em 1148. Compostas em quatro livros, as *Sentenças* redistribuem segundo uma ordem temática o saber acumulado pelos Padres da Igreja. Trata-se de apresentar teses abrindo dossiês e seguindo problemas. Cada questão vê opor-se ‘autoridades’ de igual dignidade; obtém-se assim a produção de uma crise dos textos patrísticos que permite ir ao fundo de uma hipótese ou de um conflito. O trabalho examina sucessivamente o mistério da Trindade (livro I), o problema da Criação (livro II), a Encarnação e ação do Espírito Santo (livro III) e os Sacramentos (livro IV) [...] Pedro Lombardo redigiu, sem o saber, o manual de teologia da Idade Média. A partir do

século XIII, o primeiro trabalho do teólogo consistirá em comentar as *Sentenças* — um Rogério Bacon lamentará nesse sentido que o Mestre Sentenciário tenha acabado por ganhar das próprias Escrituras!” (Alain de Libera, *A filosofia medieval* [São Paulo: Loyola, 1998], p. 339).

[9](#)

Cf. Lienhard, *Martim Lutero*, p. 43.

[10](#)

Citado em Jean-Pierre Torrell, *Iniciação a Santo Tomás de Aquino* (São Paulo: Loyola, 1999), p. 83.

[11](#)

Para compreensão das origens intelectuais de Lutero, bem como da própria Reforma Protestante, cf. Alistair McGrath, *As origens intelectuais da Reforma* (São Paulo: Cultura Cristã, 2007).

[12](#)

Tanto é assim que, segundo Lienhard, “Lutero foi o primeiro a surpreender

[13](#)

-se com o eco obtido por suas teses. Chegou mesmo a se inquietar, a ponto de crer-se obrigado a explicar mais claramente seu ponto de vista no *Sermão sobre as indulgências*

[14](#)

e a graça destinado ao povo e que foi reeditado 13 vezes em 1518” (Marc Lienhard, *Martim Lutero*, p. 62).

[15](#)

Hans Küng, *Os grandes pensadores do cristianismo*, p. 132.

97 TESES SOBRE A TEOLOGIA ESCOLÁSTICA (1517)

As teses que se seguem serão defendidas pelo mestre Franz Günther em local e horário a serem definidos para o recebimento do *Bakkalaureus Biblicus* sob a liderança do digníssimo padre Martinho Lutero, agostiniano, decano da Faculdade de Teologia de Wittenberg.

1. Afirmar que Agostinho exagera quando fala contra os hereges eqüivale a dizer que Agostinho mente sobre praticamente tudo. Isso é completamente contrário à forma usual de se expressar.
2. Isso também eqüivale a conceder a oportunidade aos pelagia-nos e a todos os [outros] hereges de triunfarem; na verdade, é conceder a vitória a eles.
3. Isso também eqüivale a zombar da autoridade de todos os mestres da igreja.
_
4. E verdade, portanto, que o ser humano, que se tornou uma “árvore má”, só pode desejar e fazer o que é mau (cf. Mt 7.17,18).
5. E falso afirmar que a inclinação do homem é livre para escolher entre duas coisas opostas. Na verdade, sua inclinação certamente não é livre, mas está cativa. Em oposição à opinião geral.
6. É falso afirmar que a vontade, por natureza, pode se orientar de acordo com o preceito correto [a razão]. Em oposição a Scotus e Gabriel.

CLÁSSICOS DA REFORMA

Nos quinhentos anos da Reforma protestante. Vida Nova tem a satisfação de presentear seu público com a série **Clássicos da Reforma**, que reúne em cada volume escritos significativos de cada um dos principais reformadores. Cada volume traz uma introdução escrita por um professor brasileiro.

A série vem disponibilizar aos interessados na teologia protestante uma seleção representativa de textos dos principais expoentes da Reforma do século 16. Lutero. Melâncton. Calvino e Zuínglio são apenas alguns dos pensadores cujos escritos, na maioria inéditos em português, serão contemplados.

Neste volume, traduzimos diretamente dos originais treze obras de Martinho Lutero que são importantíssimas não apenas na Reforma protestante do século 16, mas na história do pensamento cristão. São elas:

- 97 teses sobre a teologia escolástica (1517)
- 95 teses sobre as indulgências (1517)
- Controvérsia de Heidelberg (1518)
- Sermão sobre as indulgências e a graça (1518)
- Sermão sobre as duas espécies de justiça (1519)
- À nobreza cristã da nação alemã acerca da reforma do Estado cristão (1520)
- Do cativo babilônico da igreja (1520)
- Da liberdade do cristão (1520)
- Prefácio a Romanos (1522)
- Da autoridade secular: até que ponto lhe devemos obediência (1523)
- Catecismo menor (1529)
- Catecismo maior (1529)
- Os artigos de Esmalcalde (1537)